

A PRIMEIRA ANTOLOGIA BRASILEIRA DA OBRA DE FRIEDRICH NIETZSCHE, ORGANIZADA E TRADUZIDA PELO POETA ALBERTO RAMOS

Luís Rubira

Universidade Federal de Pelotas

Resumo: Ao falecer no Rio de Janeiro em fevereiro de 1941, Alberto Ramos deixou inédito um conjunto de traduções da obra de Friedrich Nietzsche. Anunciada em 1940 como uma “Antologia Nietzscheana” que estaria em “vias de conclusão”, ela seria publicada por uma das maiores editoras do país somente no ano de 1949. Ao resgatar parte da trajetória intelectual do poeta que tomou contato com a filosofia de Nietzsche provavelmente no final do século XIX, o presente ensaio visa reconstruir o cenário das traduções das obras de Nietzsche no Brasil, entre os anos de 1936 e 1948, para bem avaliar a singularidade da *Nietzscheana*. Do mesmo modo, busca-se refazer o percurso de edição do livro, destacando em particular os esforços de intelectuais como Gastão Cruls e Agripino Grieco. Antologia realizada por um poeta, jornalista e tradutor pelotense, ela em breve surgirá sob a forma de uma versão comemorativa, anotada e revisada a partir da edição crítica de Colli e Montinari.

Palavras-chave: Nietzsche, recepção, traduções no Brasil, Alberto Ramos, *Nietzscheana*.

Abstract: At the time of his death in Rio de Janeiro in February 1941, Alberto Ramos left an unpublished collection of translations of the work of Friedrich Nietzsche. Announced in 1940 as the ‘Nietzschean Anthology’ in progress, it would be published by one of the largest publishing houses of the country in 1949. In reassessing part of the intellectual journey of the poet who approached Nietzsche’s philosophy probably at the end of the 19th Century, this essay reconstructs the scenery of the translations of Nietzsche’s works in Brazil, between the years of 1936 and 1948, to assess the singularity of the *Nietzscheana*. Likewise, the history of the book’s edition is traced, highlighting the efforts of scholars such as Gastão Cruls and Agripino Grieco. The anthology, which was organized by a poet, journalist and translator from Pelotas, should soon be out in a special edition, annotated and revised based on the critical edition by Colli and Montinari.

Keywords: Nietzsche, recepção, translations in Brazil, Alberto Ramos, *Nietzscheana*.

“A tradução e a escolha de trechos da obra inteira de Nietzsche, feita pelo poeta

Alberto Ramos, pode-se considerar um trabalho de mestre”.

(José Lins do Rego) ¹.

¹ REGO, J. L. “Nietzscheana”, *Jornal de Notícias*, SP, 26/3/1950, capa. Agradecemos à Fundação Biblioteca Nacional pelo acervo de periódicos disponibilizados na Biblioteca Nacional Digital.

A influência da filosofia de Nietzsche sobre Alberto Ramos foi percebida e divulgada primeiramente por João do Rio em abril de 1905, logo após a criação de sua coluna “Momento literário”, publicada semanalmente nas páginas do jornal *Gazeta de Notícias*, no Rio de Janeiro². Nesta mesma coluna, aliás, João do Rio já abordara intelectuais que, por sua vez, também haviam escrito ou lido sobre o filósofo alemão, a saber, João Ribeiro³ e Silvio Romero⁴. Mas é somente em relação ao poeta de *Ode ao Campeonato* (editado em 1902) que ele dirá: “Zaratustra acompanha-o. É talvez o único homem no Brasil a quem Zaratustra dá essa honra. Daí o Sr. Alberto Ramos não acreditar senão nele mesmo, adorar a força, o domínio, e praticar no limitado círculo dos humanos a que permite a honra da sua palavra, a filosofia do super-homem”⁵. Ainda neste texto, João do Rio também transcreve uma carta de Alberto Ramos cujo teor, de fato, causa a impressão de que, naquele momento, ele talvez fosse realmente o primeiro nietzschiano brasileiro⁶ – sobretudo quando levamos em conta que, antes de 1905, outros intelectuais limitaram-se a publicar críticas ou textos de divulgação a propósito do pensamento de Nietzsche⁷.

² Coluna que mais tarde daria origem a um livro de título homônimo, sua criação foi anunciada em princípios de março de 1905: “A *Gazeta de Notícias* começará amanhã a publicar um curioso inquérito sobre o momento literário. O inquérito, feito parte por *interview* parte por cartas, tem lido respostas de grande imprevisto e agitará de qualquer sorte a nossa literatura, pela sua parte documentativa. O *Momento Literário* é um novo inquérito de João do Rio, o conhecido jornalista que tanto sucesso fez com as *Religiões do Rio*” (“Momento Litterario”, *Gazeta de Notícias*, RJ, 12/3/1905, capa).

³ RIO, J. do. “O momento literário: João Ribeiro”, *Gazeta de Notícias*, RJ, 19/3/1905, capa. João Ribeiro havia publicado em 1897 o artigo “F. Nietzsche”, *Jornal do Commercio*, RJ, 18/6/1897, capa. Este mesmo texto (cuja grafia “Nietzche” foi corrigida para “Nietzsche”) foi republicado no ano de 1904: “Frederico Nietzsche” (*Almanaque Garnier*, RJ, 1904, p. 247-250), o qual, segundo ele informa, havia sido escrito e concluído em “Berlim, maio de 1896”.

⁴ *Idem*, “O momento literário: Silvio Romero”, *Gazeta de Notícias*, RJ, 13/4/1905, p. 3. Cabe lembrar que Leopoldo de Freitas dedicou um artigo sobre Nietzsche a Silvio Romero em 1899 (ver nota 7).

⁵ *Idem*, “O momento literário: Alberto Ramos”, *Gazeta de Notícias*, RJ, 24/4/1905, capa.

⁶ Cabe aqui informar que em breve publicaremos uma edição comemorativa da *Nietzschiana*, revisada a partir da edição crítica de Colli e Montinari. Nela, reproduziremos o artigo completo de João do Rio, no qual consta a carta de Alberto Ramos.

⁷ Dentre os primeiros artigos que buscaram tratar da filosofia de Nietzsche publicados na imprensa nacional, temos os seguintes: Julio Erasmo, “O neo-cinismo”, *Gazeta de Notícias*, RJ, 20/5/1893, capa; João Ribeiro, “F. Nietzsche”, *Jornal do Commercio*, RJ, 18/6/1897, capa. Leopoldo de Freitas, “Um Philosopho”, *O Paiz*, RJ, 16/10/1899, capa (o artigo é dedicado “Ao Dr. Silvio Romero”); José Veríssimo, “A Philosophia de um poeta”, *Jornal do Commercio*, RJ, 23/10/1899, capa; Nestor Victor, “F. Nietzsche”, *O Paiz*, RJ, 26/12/1900, p. 2; Miguel Mello, “Cartas de um solitário”, *A Imprensa*, RJ, 26/2/1901, p. 2; José Veríssimo, “Um Nietzsche diferente”, *Correio da Manhã*, RJ, 19/1/1903, capa; Tristão de Alencar Araripe Júnior, “Ulisses e Dionísio. Comentário e questionamento sobre a obra de Nietzsche” (Origens da

Embora seja difícil saber em que momento Alberto Ramos tomou contato com a filosofia nietzschiana (ele “frequentou os ginásios suíços”⁸ a partir do ano de 1884⁹, retornando em seguida para o Brasil¹⁰, onde ingressou na Faculdade de Direito de São Paulo, em 1891¹¹), certo é que, até o final de sua vida, jamais abandonou o autor do *Zaratustra*. Neste sentido, três décadas após a edição do livro de poemas *Ode ao Campeonato* (no qual João do Rio divisoa a influência do “super-humanismo de Nietzsche”), é assim que ele se deixa apresentar nas páginas do *Boletim de Ariel*, revista em que atuava como colaborador:

Alberto Ramos – Poeta das *Elegias e Epigramas*. Filho de Pelotas, pouco se demorou no Rio Grande, fazendo a sua educação na Suíça. Lê Nietzsche e Goethe no original¹².

Dois anos mais tarde, por ocasião do lançamento de seu livro *Poemas* (1934), torna-se então público que “Alberto Ramos (...) o orgulhoso leitor de Nietzsche” pensava há bastante tempo em “traduzir para o português as sentenças de Zaratustra”¹³. Do mesmo modo, ao escrever o texto “O epistolário de Nietzsche” em sua obra *Prosas de Ariel* (1936), ficava também evidente que ele não somente conhecia a obra do filósofo, mas compreendia

tragédia”, *Almanaque Garnier*, RJ, 1904, p. 193-194 (o autor informa que concluiu o artigo em “Rio, 30 de Dez. de 1902”).

⁸ GRIECO, A. “Pagão ou Christão?”, *O Jornal*, RJ, 25/11/1934, Segunda Seção, p. 3. Neste artigo, Grieco diz que Alberto Ramos aprendeu alemão na Suíça. No entanto, é provável que ele o tenha estudado enquanto vivia na cidade de Pelotas, com Bernardo Taveira Júnior. Em 1875, Bernardo Taveira publicou as *Poesias Alemãs* (Porto Alegre: Typ. do Deutsche Zeitung, 1875), obra na qual consta a tradução de poemas de Heine – poeta que mais tarde Alberto Ramos também verteria para a língua portuguesa.

⁹ Por ocasião da morte de Alberto Ramos em 1941, a imprensa noticiou que ele “tinha 13 anos quando partiu para a Suíça, onde fez estudos humanidades” (“Alberto Ramos. Os seus livros”, *A Noite*, RJ, 15/2/1941, p. 2), e que “fez seus estudos secundários em Saint-Gall, na Suíça” (“Falecimentos”, *Jornal do Brasil*, RJ, 16/2/1941, p. 9).

¹⁰ Não sabemos ao certo o ano em que Alberto Ramos retornou ao país, mas vamos encontrá-lo prestando os exames de “Arithmetica” para ingresso na Faculdade de Direito de São Paulo no ano de 1890 (“Faculdade de Direito de São Paulo”, *Correio Paulistano*, SP, 5/7/1890, p. 3).

¹¹ Cf. “Faculdade de Direito de São Paulo”, *O Brasil*, RJ, 5/6/1891, p. 2.

¹² “Nossos Colaboradores”, *Boletim de Ariel*, RJ, Outubro de 1932, p. 22.

¹³ GRIECO, A. “Pagão ou Christão?”, *O Jornal*, RJ, 25/11/1934, Segunda Seção, p. 3.

em profundidade a sua solidão¹⁴. Todavia, o testemunho definitivo do envolvimento de Alberto Ramos com o pensador alemão surgiria em agosto de 1940 – momento no qual uma revista do Rio de Janeiro anunciava que, em breve, ele concluiria um livro com suas traduções de textos da obra de Nietzsche:

É, assim, com alegria, que anunciamos estar em vias de conclusão uma curiosa antologia da obra nietzschiana, organizada e traduzida pelo poeta Alberto Ramos. Essa antologia conterá trechos retirados de todas as obras de Nietzsche, tanto as de natureza poética quanto as de caráter filosófico e político. O Sr. Alberto Ramos deu-se a essa tarefa, cuja dificuldade transparece de imediato, com todo o carinho, de modo a nos dar, com uma tal seleta nietzschiana, um livro claro, essencial e definitivo¹⁵.

Os editores da revista, por certo, sabiam que se tratava de um acontecimento ímpar no cenário das traduções brasileiras da obra de Nietzsche. Tanto é assim que eles anunciam a antologia elaborada por Alberto Ramos na sequência da mesma página em que, anteriormente, haviam informado que também a Livraria Martins, em São Paulo, preparava a publicação de “*O Pensamento Vivo de Nietzsche*, de Heinrich Mann, em tradução de Sergio Milliet”¹⁶. Ora, era evidente para eles que o conteúdo do livro de Alberto Ramos representava algo verdadeiramente inédito, pois o próprio poeta selecionava e traduzia trechos do conjunto da obra nietzschiana, enquanto Sérgio Milliet nem de longe fazia o mesmo, tendo em vista que sua tarefa consistia em realizar a “tradução revista” de um texto sobre Nietzsche cuja autoria era de um escritor alemão¹⁷. Esta edição, ademais, impressa em outubro de 1940, receberá uma crítica demolidora no começo do ano

¹⁴ O referido texto encontra-se em: RAMOS, A. *Prosas de Ariel*. Rio de Janeiro: Ariel / Oficinas Graphicas d'A Noite, 1936, p. 111-114.

¹⁵ “Uma antologia nietzschiana”, *Vamos Ler!*, RJ, 8/8/1940, p. 16. Lembremos que esta revista era de “Propriedade da S.A. A Noite” – periódico em cuja gráfica Alberto Ramos havia editado o livro *Prosas de Ariel* (Rio de Janeiro: Ariel / Oficinas Graphicas d'A Noite, 1936).

¹⁶ “Uma antologia nietzschiana”, *Vamos Ler!*, RJ, 8/8/1940, p. 16.

¹⁷ Cf. MANN, H. *O pensamento vivo de Nietzsche*. Tradução revista por Sérgio Milliet. São Paulo: Livraria Martins, 1940, p. 3. Em face da urgência de que a obra de Heinrich Mann fosse lançada simultaneamente em vários países no ano de 1940 (ver nota 19), é provável que ela tenha recebido uma primeira tradução para a língua portuguesa, a qual foi depois *revisada* por Milliet. Nossa hipótese também sustenta-se no fato de que era comum, nas edições da época, apenas o uso “tradução de” para indicar seu respectivo autor.

seguinte¹⁸, sendo que os trechos da obra de Nietzsche nela presentes serão identificados, décadas mais tarde, não como constantes no ensaio original de Heinrich Mann, mas sim como selecionados por seu sobrinho, Golo Mann, visando a atender um pedido editorial da Living Thoughts Library¹⁹.

Mas se o livro que Alberto Ramos preparava era algo inédito naquele momento, qual era então o cenário das traduções de Nietzsche em nosso país até o ano de 1940? Afora a existência de pequenos excertos dos escritos nietzschianos traduzidos e publicados, de modo fragmentário e esparso, em periódicos da imprensa nacional entre o final do século XIX e a década de 1930 (os quais, em seu conjunto, provinham de diferentes autores, em sua maioria anônimos)²⁰, bem como a circulação de uma edição de *Assim falava Zaratustra* que havia sido impressa no Brasil, mas cujo tradutor era português²¹, existiam apenas duas obras de Nietzsche vertidas para o nosso idioma por autores brasileiros, a saber: *Ecce Homo: como cheguei a ser o que sou*, na tradução de

¹⁸ Vejamos a crítica: "NIETZSCHE – apresentado por Heinrich Mann (Biblioteca Pensamento Vivo). Deve ser esta a pior obra da coleção. Embora nos pareça ser Nietzsche um filósofo muito difícil de ser apresentado de forma fragmentária, ainda assim, temos a impressão de ter sido o autor infeliz na seleção dos trechos, como foi também na sua apresentação. Heinrich Mann procurou nos dar um Nietzsche enquadrado dentro do seu pensamento político... pensamento este dos mais suspeitos... A introdução chega a ser irritante quando traçando um paralelo (já por si absurdo), entre Nietzsche e Jesus Cristo, acaba conferindo uma vantagem ao criador do Zaratustra; a introdução se torna ridícula quando começa a prever o que Nietzsche pensaria sobre aspectos da política moderna. Eis um livro que, absolutamente, não merece ser lido. O grande filósofo alemão mereceria uma melhor apresentação, uma divulgação mais honesta" (P.F., "Livros e autores", *Gazeta de Notícias*, RJ, 27/2/1941, p. 12).

¹⁹ No ano de 1939 foi "Golo Mann quem selecionou os excertos de Friedrich Nietzsche (1844-1900) para a Living Thoughts Library. E o texto anterior de Heinrich Mann foi por ele adaptado para servir como introdução à coletânea e intitulado simplesmente "Nietzsche". Na edição da Longmans, Green & Co. de Nova York e Toronto, recebeu o título *The living thoughts of Nietzsche, presented by Heinrich Mann*. No mesmo ano (1939), a editora Correa, de Paris, lançou a tradução francesa: *Les pages immortelles de Nietzsche choisies et expliquées par Heinrich Mann*. O livro foi também publicado na Dinamarca, Noruega, Holanda, Grã-Bretanha e Bulgária" (MANN, H. *Nietzsche*. Tradução Maria Aparecida Barbosa e Werner Heidermann. São Paulo: Três Estrelas, 2017, p. 11). Cabe lembrar, ademais, que na edição de outubro de 1940 de "*O pensamento vivo de Nietzsche*", com a tradução revisada por Sérgio Milliet, estava escrito: "Copyright 1940 by Longmans, Green & Co. Inc. (Collection Alfred O. Mendel) and Livraria Martins, S. Paulo", sendo que a versão em língua inglesa aparecia "simultaneamente na Argentina, Brasil, Bulgária, Canadá, Dinamarca, Estados Unidos, França, Grã-Bretanha, Hungria, Polónia, România e Iugoslávia" (MANN, H. *O pensamento vivo de Nietzsche*. Tradução revista por Sérgio Milliet. São Paulo: Livraria Martins, 1940, p. 4).

²⁰ Uma das primeiras traduções em língua portuguesa que encontramos na imprensa brasileira sem a identificação de seu autor é: "Aforismos de Frederico Nietzsche", *Jornal do Commercio*, RJ, 26/2/1892, p. 2.

²¹ NIETZSCHE, F. *Assim falava Zaratustra [livro para toda a gente e para ninguém]*. Tradução de Araújo Pereira. São Paulo: Editorial Moderna Paulistana, 1932. Sobre o momento de edição do livro, ver: "Assim falava Zaratustra. O livro de Frederico Nietzsche numa tradução portuguesa", *A Gazeta*, SP, 12/4/1932, p. 7.

Lourival de Queiroz Henkel, editada em 1936; e *O viandante e a sua sombra*, na versão de Heraldo Barbuy, publicada em 1939.

Antologia anunciada em agosto de 1940 como “em vias de conclusão”, no final de janeiro de 1941 ela já estava em grande parte datilografada e separada em pastas contendo o título de cada obra do filósofo. No entanto, próximo de completar setenta anos de idade, Alberto Ramos não teria tempo para publicá-la. Ao final da primeira quinzena de fevereiro de 1941, muitos jornais do Rio de Janeiro divulgaram que ele “caiu doente a 1 de Fevereiro. Ingressou no dia 5 na Casa de Saúde do Dr. Eiras e faleceu ontem às 7h30 horas”²². Amplamente conhecido no meio intelectual carioca por suas qualidades como poeta e jornalista (ele dirigiu a Agência Havas durante quatro décadas), em diversos obituários veiculados pela imprensa, assim como em uma homenagem póstuma da Academia Brasileira de Letras, houve ênfase não apenas no fato de que ele traduzira no final do século XIX os *Poemas do mar do Norte*, de Heine, de que escrevera um livro em francês, mas no fato de que também deixara inédito um conjunto de traduções da obra de Nietzsche:

Alberto Ramos deixa inédito um livro interessantíssimo: “As melhores páginas de Nietzsche”.²³

Tinha em preparação um livro de versos e havia terminado a tradução de excertos de Nietzsche, obra na qual trabalhou como um beneditino.²⁴

Deixa Alberto Ramos inéditos, um livro sobre Nietzsche e uma série de poemas em preparo.²⁵

Conhecendo admiravelmente o francês e o alemão, Alberto Ramos deixou magníficas composições naquele idioma – tal o seu célebre hino ao Rei dos Belgas – e ótimas traduções de Goethe, Heine e Nietzsche.²⁶

²² “Falecimentos”, *Jornal do Brasil*, RJ, 16/2/1941, p. 9.

²³ “Alberto Ramos. Os seus livros”, *A Noite*, RJ, 15/2/1941, p. 2.

²⁴ “Falecimentos”, *Jornal do Brasil*, RJ, 16/2/1941, p. 9.

²⁵ “Dr. Alberto Ramos”, *Beira-Mar*, RJ, 22/2/1941, p. 14.

²⁶ “Academia Brasileira”, *Jornal do Commercio*, RJ, 15/4/1941, p. 3. Alberto Ramos havia publicado o “*Chant de bienvenue pour le roi*”, escrito em francês quando, nas festas do Centenário, aqui esteve Alberto, o rei dos Belgas” (Abner Mourão, “Os poemas de Alberto Ramos”, *Correio Paulistano*, SP, 3/2/1935, p. 2). Lembremos também que, em 1930, o conjunto de sua obra poética foi objeto de análise por parte do escritor, poeta e tradutor José Severiano de Resende num artigo publicado em língua francesa (“Lettres Brésiliennes”, *Mercure de France*, Paris, nº 761, 41^o année, tome CCXVIII, 1^{er} Mars 1930, p. 487-490).

Durante os sete anos transcorridos até a publicação do livro com “as melhores páginas de Nietzsche”, outras traduções brasileiras das obras do pensador alemão foram lançadas em nosso país. Já em março de 1943 começa a circular nas livrarias uma pequena edição de bolso de *O crepúsculo dos ídolos*, traduzido por Persiano da Fonseca (quinto volume da “Coleção Os Grandes pensadores”)²⁷. No ano seguinte, no qual se faria um balanço da filosofia nietzschiana em decorrência do centenário de nascimento do pensador alemão²⁸, embora fosse esperada uma tradução de *Wille zur Macht* por parte de Mário Ferreira dos Santos²⁹, somente ganharia divulgação na imprensa a segunda edição de *Ecce Homo*, na versão de Lourival de Queiroz Henkel³⁰. Quanto à tradução de *A vontade de potência*, de Mário Ferreira, ela entraria em circulação apenas em dezembro de 1945³¹, sendo que sua divulgação nos periódicos nacionais, bem como sua abordagem crítica, ocorreriam no início de 1946³². Neste mesmo ano, aliás, divulgava-se também na imprensa que a “palpitante atualidade de Nietzsche levou a Editora Flama a encarregar Mario

²⁷ Cf. “Mês de Março de 1943”, *Leitura: Crítica e informação bibliográfica*, RJ, Abril de 1943, p. 44.

²⁸ Sobre este tema já apresentamos uma palestra no ano de 2017 e em breve daremos a público o texto “Nietzsche (1944): os intelectuais brasileiros no centenário do filósofo alemão”.

²⁹ Em maio de 1944 noticiou-se que estava para ser lançada “A Vontade de Potência, de Nietzsche, pela Livraria do Globo” (“O que se anuncia”, *Gazeta de Notícias*, RJ, 14/5/1944, Suplemento, p. 3). Na verdade, já desde o ano anterior anunciava-se: “Entre as próximas traduções da Livraria do Globo, figuram a da Vontade de Potência, de Nietzsche” (“Movimento literário”, *Cultura Política*, RJ, n. 35, Dezembro de 1943, p. 266). Por alguma razão que até hoje desconhecemos, Mário Ferreira não conseguiu publicar o livro no ano do centenário de nascimento de Nietzsche, embora houvesse concluído o texto de apresentação do mesmo em 1943. Lembremos também que é neste ano que Mário Ferreira transfere-se para a cidade de São Paulo, após ter feito sua formação intelectual em Pelotas, lugar onde viveu durante três décadas (Neste sentido ver: RUBIRA, L. “Mário Ferreira dos Santos, um filósofo pelotense?”. In: *Diário Popular*, RS, 24/1/2020, p. 6).

³⁰ O anúncio do livro “Frederico Nietzsche: *Ecce Homo*, 2ª edição” surge na imprensa carioca no dia em que transcorria o centenário de Nietzsche (Cf. *O Jornal*, RJ, 15/10/1944, p. 6). É provável que também a obra *O viandante e a sua sombra*, traduzido por Heraldo Barbuy, tenha recebido uma segunda edição em 1944. Embora não tenhamos localizado nem esta edição nem menções ao seu lançamento no ano de 1944, no catálogo da “Weimarer Nietzsche-Bibliographie”, da Herzogin Anna Amalia Bibliothek, consta a seguinte informação: “Nietzsche, Friedrich. *O viandante e a sua sombra* / trad. e pref. de Heraldo Barbuy. São Paulo: Edições e Publicações Brasil Editora, 1944”.

³¹ Ainda no mês de novembro de 1945 anunciava-se para breve o lançamento de “Vontade de Potência – Friedrich Nietzsche” (“Próximas edições”, *Leitura: crítica e informação bibliográfica*, RJ, Novembro de 1945, p. 74).

³² Ver, por exemplo: “Autores”, *Sombra*, n. 50, RJ, Janeiro de 1946, p. 81; “Movimento Literário”, *Carioca*, n. 539, 2/2/1946, p. 9; “Livros novos”, *Correio Paulistano*, 17/3/1946, p. 16; Luis Washington, “Nietzsche”, *Vamos Ler!*, RJ, 11/4/1946, p. 43 e 62-63.

D. Ferreira Santos de apresentar em português duas obras do famoso filósofo, cujo primeiro volume a ser lançado será *Aurora (Reflexões sobre os preconceitos morais)*³³. De fato, nos dois anos seguintes, Mário Ferreira daria a lume duas novas traduções suas das obras de Nietzsche: *Aurora*, publicada no primeiro semestre de 1947³⁴; e *Além do bem e do mal*, divulgada no segundo semestre de 1948³⁵.

No que diz respeito, portanto, às traduções brasileiras das obras de Nietzsche, se levarmos em consideração as duas publicadas antes da morte de Alberto Ramos, bem como as quatro que surgiram entre 1943 e 1948, contava-se então neste período com apenas seis edições, realizadas pelos esforços de quatro tradutores. Para leitores e editores atentos que acompanhavam tais publicações em nosso vernáculo, elas eram, em resumo, as seguintes:

Ecce Homo: como cheguei a ser o que sou. Tradução de Lourival de Queiroz Henkel. Prefácio de Affonso Bertagnoli. São Paulo: Edições e Publicações Brasil, 1936 (Bibliotheca de autores célebres, n. 5).

O viandante e a sua sombra. Tradução de Heraldo Barbuy. São Paulo: Edições e Publicações Brasil, 1939 (Bibliotheca de autores célebres, n. 14).

O crepúsculo dos ídolos. Tradução de Persiano da Fonseca. Rio de Janeiro: Casa Editora Vecchi LTDA, 1943 (Col. Os grandes pensadores, v. 5).

Vontade de potência. Tradução, prólogo e notas de Mário D. Ferreira dos Santos. 1ª Ed. Rio de Janeiro/Porto Alegre/São Paulo: Livraria do Globo, 1945 (Biblioteca dos Séculos).

Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais. Tradução de Mário D. Ferreira dos Santos. São Paulo: Editora e Distribuidora Sagitário / Gráfica e Editora Edigraf, 1947 (Coleção "Climax" I).

³³ "Notícias", *Correio Paulistano*, SP, 19/5/1946, p. 6.

³⁴ Sobre o lançamento da obra, ver: "Bibliografia da semana", *O Jornal*, RJ, 4/5/1947, p. 3; "Aurora, de Nietzsche", *Diário da Noite*, RJ, 6/8/1947, p. 2.

³⁵ Acerca deste livro encontramos um único anúncio na revista *O Cruzeiro*, o qual cabe aqui reproduzir: "*Além do bem e do mal* – Friedrich Nietzsche – Edição Edigraf – S. Paulo – O livro é, em suas partes essenciais, uma crítica da modernidade, das ciências modernas, das artes modernas, sem excluir delas a política moderna" ("Livros Novos", *O Cruzeiro*, RJ, 13/11/1948, p. 40).

Além do bem e do mal (Prelúdio de uma filosofia do futuro). Tradução de Mário D. Ferreira dos Santos. São Paulo: Editora e Distribuidora Sagitário / Gráfica e Editora Edigraf, 1948 (Coleção “Climax” II).

Mantendo-se intacta em sua originalidade por abranger o conjunto dos escritos nietzschianos, a obra de Alberto Ramos viria a público por uma das três maiores editoras do país (as outras duas eram a “Companhia Editora Nacional / Civilização Brasileira e a Editora do Globo”)³⁶. Impressa em novembro de 1949, ela receberia uma primeira resenha logo no início de janeiro de 1950. Redigida pelo jornalista, escritor e político Pedro da Costa Rego, antigo amigo e admirador de Alberto Ramos³⁷, nela é possível compreender melhor o modo como o poeta se dedicara à tradução de Nietzsche, bem como o percurso de edição do livro:

Alberto Ramos era sem dúvida o último homem, entre nós, que, depois de Olavo Bilac, se isolara nas formas nobres – quero dizer nas formas antigas – da poesia. Isolara-se realmente, pois já vivia para um restrito círculo de amigos. Dava-se então ao hábito, que bastante conservou, de só ler os clássicos franceses. Abria uma exceção para Nietzsche. Na realidade fazia mais que isto: colocava Nietzsche entre suas manias. Não o Nietzsche desta ou daquela obras, mas o Nietzsche inteiro, completo, inclusive o do epistolário. Do próprio original em alemão traduzia-lhe quase diariamente um trecho, uma passagem, um conceito. Metia no bolso o escrito, como se guardasse uma peça de joalheiro, e vinha repartir com os íntimos a contemplação da preciosidade.

Esses papéis foram-se acumulando e ele, com o senso da ordem, que lhe era inato, que se refletia na composição mesma de suas roupas, tanto quanto na disposição de sua bancada de trabalho, os separou cuidadosamente em pastas. A viúva recolheu-os, passou-os a Gastão Cruls, que os reviu na companhia de Agrippino Grieco, formando-se deste modo um volume, a *Nietzschiana*, que a editora José Olímpio acaba de lançar.³⁸

³⁶ Cf. MICELI, S. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 156.

³⁷ Podemos encontrar Costa Rego e Alberto Ramos juntos, por exemplo, no jantar de despedida de Severiano Rezende, o “poeta, cronista, jornalista” que no início de março de 1923 reunira um “restrito grupo de amigos” antes de voltar a assumir seu cargo “no consulado brasileiro de Paris” (“Jantares”, *O Paiz*, RJ, 24/3/1923, p. 5).

³⁸ REGO, P. C. “Nietzsche não confirmou Nietzsche”, *Diário de Pernambuco*, PE, 4/1/1950, p. 4.

Intitulado pelos editores como *Nietzschiana* (o sufixo “Ana” remete ao conjunto das obras de Nietzsche), o livro póstumo de Alberto Ramos surgia como um novo volume da prestigiosa “Coleção Rubáiyát” (que tinha por objetivo editar “Os mais belos livros da literatura universal” e contava, em seu catálogo, com obras de Tagore, Hafiz e Baudelaire, traduzidas por Guilherme de Almeida e Aurélio Buarque de Holanda)³⁹. Sendo o nome desta Coleção uma referência direta ao livro homônimo atribuído ao persa Omar Kháyám (a tradução do *Rubáiyát* foi o primeiro título nela publicado, em 1935), os editores cuidadosamente registraram na capa do livro de Alberto Ramos o subtítulo “Textos escolhidos na obra do autor de *Assim falou Zaratustra*” (lembramos que com esta obra Nietzsche visava a superar o profeta persa)⁴⁰. Tal subtítulo, por sua vez, não somente remetia ao núcleo da Coleção (nela havia obras do poeta persa Musharrif Od-Dín Sa’di e do orientalista francês Franz Toussaint, tradutor de Omar Khayyam), mas também ao fato de que, dentre os textos selecionados das obras de Nietzsche pelo poeta, a tradução mais extensa dizia respeito ao *Zaratustra*.

Edição primorosa da José Olympio Editora, a tradução de Alberto Ramos passou logo em seguida a ser divulgada como um guia seguro, em nossa língua, para que os leitores tomassem contato em profundidade com a filosofia nietzschiana (bem diferente, portanto, do que havia ocorrido em relação ao conteúdo da obra “O pensamento vivo de Nietzsche”, cujo título, embora sedutor, era de caráter panfletário e comercial):

Na Coleção Rubáiyát, da Livraria José Olímpio Editora, apareceu a “Nietzschiana” de Alberto Ramos. É um esplêndido e oportuno trabalho de compilação, reunindo trechos escolhidos da obra do autor de *Assim falou Zaratustra*, e oferecendo no conjunto a essência do pensamento de Nietzsche. Alberto Ramos, já falecido, teve os originais do seu florilégio revistos por Gastão Cruls e prefaciados por Agripino Grieco. Conduzido por tão lúcido guia, o leitor brasileiro poderá agora tomar contato mais direto com o pensamento vivo do filósofo alemão.⁴¹

Insistindo sucessivamente na concepção de um roteiro cronológico seguro para ler Nietzsche, oriundo das qualidades intelectuais do tradutor e dos editores responsáveis pela publicação, aqueles que divulgavam e

³⁹ O conjunto de livros desta Coleção, bem como seu objetivo, foi divulgado na edição da *Nietzschiana* (Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1949), p. 1-2.

⁴⁰ Cf. *Ecce Homo*, “Por que sou um destino”, § 3.

⁴¹ “Crônica de livros”, *A Cigarra*, RJ, n. 191, Fevereiro de 1950, p. 95.

aportavam novas informações sobre o livro póstumo de Alberto Ramos também colocavam em xeque muitas das edições até então existentes em língua portuguesa:

Trata-se de uma obra que percorre toda a bibliografia do filósofo alemão e que nos pode dar uma ideia do seu pensamento, despertando interesse pelo conhecimento mais detido do que nos legou seu espírito. Alberto Ramos, a quem devemos a inteligente seleção – que poderemos chamar roteiro de Nietzsche – louvou a obra original, traduzindo o pensador da edição de Alfred Baeumler, de Leipzig (Obras Completas, 8 vols.).

As traduções desta antologia de Nietzsche que aparece agora cercada de prestígio, pela orientação a que obedeceu, pelo prestígio de seu autor e ainda pela revisão de Gastão Cruls – destinam-se a enriquecer nossas bibliotecas, onde pompeiam as mais suspeitas e menos escrupulosas edições em português do autor de “Vontade de Poder”. E nada tão oportuno para melhor esclarecimento das ideias de nosso tempo do que recapitular Nietzsche.⁴²

Primeira antologia brasileira da obra de Friedrich Nietzsche, a publicação da *Nietzschiana* em 1949 representava o desfecho de um conjunto de esforços em torno daquelas traduções que durante anos permaneceram em pastas com títulos de diferentes escritos do filósofo. Casada com Alberto Ramos durante aproximadamente quatro décadas⁴³, Pierrette preservou cuidadosamente aqueles textos já datilografados e posteriormente os confiou a Gastão Cruls⁴⁴. Escritor de largo reconhecimento, que ao longo dos anos convivera com Alberto Ramos e era amigo do editor José Olympio⁴⁵, Cruls

⁴² “Nietzschiana”, *Revista da Semana*, RJ, n. 11, 18/3/1950, p. 48.

⁴³ Mencionada na edição da *Nietzschiana* em 1949 como a “viúva” de Alberto Ramos, coube-nos a tarefa de resgatar a identidade da mulher que durante décadas foi casada com o poeta – texto que daremos a público, em breve, sob o título: “Pierrette, a francesa que preservou a *Nietzschiana*?”.

⁴⁴ Não sabemos ao certo quando iniciou a amizade de Gastão Cruls com Alberto Ramos, mas podemos encontrá-los frequentando um almoço na “Confeitaria Paschoal” em homenagem ao escritor e diplomata Antonio Torres, no momento em que ele assumia um cargo no Consulado de Londres (“Almoço a Antonio Torres”, *Gazeta de Notícias*, RJ, 8/11/1920, p. 2). Gastão Cruls (4/5/1888 – 7/6/1959), escritor de largo reconhecimento, era também o diretor do *Boletim de Ariel*. Cabe lembrar que no primeiro volume desta importante revista Alberto Ramos publicou alguns de seus poemas (Cf. *Boletim de Ariel*, RJ, n. 1, Outubro de 1931).

⁴⁵ Cf. VIVOLO, V. da M. *Gastão Cruls e a auscultação da sociedade brasileira*. Mestrado em História. São Paulo: PUC-SP, 2017, p. 83.

não somente organizou e revisou meticulosamente o livro, mas pediu que o prefácio fosse elaborado por Agrippino Grieco. Crítico literário que também fora amigo do poeta, Grieco, por sua vez, acabou por resgatar parte de um artigo que escrevera quatro anos antes, no qual recordava, emocionalmente, de aspectos marcantes do percurso biográfico e intelectual de Alberto Ramos⁴⁶.

No entanto, apesar de todos estes esforços, o novo volume da Coleção Rubáiyát acabou sendo prejudicado em suas páginas iniciais pelo acréscimo de uma “Nota sobre a filosofia de Nietzsche”, elaborada por Almir de Andrade. Criador e diretor da *Cultura Política: Revista mensal de estudos brasileiros* (entre os anos de 1941 e 1945), Almir de Andrade provavelmente recebeu o convite por parte dos editores em decorrência de já ter publicado, na década de 1930, um capítulo de livro no qual tratava de Nietzsche e Freud⁴⁷. Todavia, após tentar sintetizar o pensamento do filósofo com foco no conceito de “vontade de poder”, ele fez questão de registrar no último parágrafo de seu texto que “a doutrina de Nietzsche foi a grande inspiradora (...) de toda a filosofia política do nazismo e do fascismo”⁴⁸. Nota de apenas uma página, na qual o autor indicou o lugar e a data de sua elaboração como sendo “Rio, outubro de 1949” (lembramos que a impressão do livro ocorre em novembro), ela certamente representava uma concepção apressada de quem não lera ou não soubera entender o fio-condutor que Alberto Ramos havia seguido ao selecionar e traduzir os textos de Nietzsche.

A boa intenção dos editores da *Nietzschiana* em convidar alguém para fazer um resumo do pensamento do filósofo resultara, portanto, num texto que entrava em contradição com o espírito da tradução e que geraria consequências imediatas na recepção do livro. Neste sentido, basta lembrar que tanto Costa Rego quanto José Lins do Rego, ao elaborarem os primeiros artigos que surgiram na imprensa a propósito da obra, citaram a “nota sobre a filosofia de Nietzsche” e dividiram-se entre elogiar a tradução de Alberto Ramos e lamentar que, se o poeta não tivesse morrido, ele “não teria aplaudido a morte razoável que o Nazismo, fiel a Nietzsche, infringiu na ocupação da Europa, a tantos homens de uma certa raça”⁴⁹, visto que o “esplendor de Zaratustra” culminara na “escuridão tenebrosa dos campos de

⁴⁶ O texto “Poeta e humanista” publicado por Agrippino Grieco como prefácio da *Nietzschiana* era parte de um artigo de jornal mais extenso, no qual ele tratava também de outros dois amigos: o “maestro Julio Reis” e o “pintor, poeta e filólogo” Heitor Malagutti (Cf. “Amigos”, *O Jornal*, RJ, 5/1/1945, p. 4; “Amigos”, *Diário de Pernambuco*, PE, 7/1/1945, p. 2).

⁴⁷ ANDRADE, A. *A verdade contra Freud*. Rio de Janeiro: Schmidt Editor, 1939, p. 35-60.

⁴⁸ ANDRADE, A. “Nota sobre a filosofia de Nietzsche”. In: *Nietzschiana*, 1949, p. IX.

⁴⁹ REGO, P. C. “Nietzsche não confirmou Nietzsche”, *Diário de Pernambuco*, PE, 4/1/1950, p. 4.

concentração”⁵⁰. Juízos que representavam em seu conjunto uma superficial e negativa abordagem da filosofia de Nietzsche, os quais, além de não contribuírem para a recepção da tradução de Alberto Ramos, estavam também na contracorrente de como um número expressivo de intelectuais brasileiros entendiam politicamente o filósofo naquela mesma época. Afinal, antes mesmo do término da Segunda Guerra Mundial, tais intelectuais já haviam dissociado o nome de Nietzsche tanto do nazismo quanto do fascismo⁵¹.

Antologia cuja recepção ficou aquém do esperado⁵², embora Alberto Ramos tenha seguido à risca a ordem cronológica dos livros de Nietzsche constantes na edição de Alfred Baeumler, é curioso que a *Nietzschiana* não contenha nenhuma passagem de *O nascimento da tragédia*. Poeta que por volta de seus quarenta anos publicara *O último canto do fauno*⁵³, não teria Alberto Ramos tido tempo para traduzir excertos do primeiro livro de Nietzsche? Ou os traduzira e os manuscritos se perderam? Trata-se de uma lacuna para a qual é difícil encontrar uma explicação, sobretudo quando levamos em conta que muitos dos textos selecionados e traduzidos por Alberto Ramos tematizavam a arte, a poesia e a música (em particular, a wagneriana). De todo modo, seria somente no ano de 1951 que os leitores encontrariam nas livrarias uma edição brasileira de *A origem da tragédia proveniente do espírito da música*, na tradução de Erwin Theodor Rosenthal⁵⁴.

⁵⁰ REGO, J. L. “Nietzschiana”, *Jornal de Notícias*, São Paulo, 26/3/1950, capa.

⁵¹ Neste sentido, ver: RUBIRA, L. “Nietzsche no Brasil (1933-1943): Da ascensão do nacional-socialismo ao Grande Reich Alemão”. In: *Cadernos Nietzsche*, v. 37, p. 18-64, 2016.

⁵² Entre janeiro e julho de 1950 surgiram na imprensa, além dos artigos que já indicamos, apenas textos de divulgação comercial do livro, dentre os quais: “Livros novos”, *O Cruzeiro*, RJ, 14/1/1950, p. 33; “Nietzschiana”, *Correio da Manhã*, RJ, 15/1/1950, 4ª Seção, p. 12; “Jornal Literário”, *O Jornal*, RJ, 15/1/1950, Revista, p. 2; “Nietzschiana”, *A Sombra*, RJ, Fevereiro de 1950, p. 87; “Nietzschiana”, *Diário de Natal*, 30/6/1950: p. 4.

⁵³ Lembremos de seus versos iniciais: “Ali, no mato, / bisonho ermita, / junto de um regato, / perto de uma vinha, / num tronco adusto / um fauno habita. / As ninfas, em redor, estremecem de susto / quando, à tardinha, / morrendo o sol, na orela da floresta / assoma o bruto / de curvos chifres guarnecida a testa, / o pelo hirsuto, / a lira a tiracolo, / Semelhante no andar ao grande deus Apolo” (RAMOS, A. *O último canto do fauno*. Rio de Janeiro: Off. Typ. do “Jornal do Commercio”, 1913, p. 11-12).

⁵⁴ NIETZSCHE, F. *A origem da tragédia, proveniente do espírito da música*. Prefácio e tradução direta por Erwin Theodor Rosenthal. São Paulo: Editora Cupolo Ltda, 1951. Embora nascido na Alemanha, Erwin Theodor cresceu e viveu no Brasil a maior parte de sua vida. Ao que tudo indica, ele trabalhava na tradução da obra desde a década de 1940: “Acaba de ser publicada em tradução de Erwin Theodor, *Origem da tragédia*, pela editora Cupolo, que assim vem enriquecer as coleções Nietzschianas em língua portuguesa. Nessa tradução, que, se bem que concluída em 1947, apenas agora pode ser

Publicada no apagar das luzes da década de 1940, a tradução de Alberto Ramos havia sido, de fato, um acontecimento ímpar no cenário das traduções brasileiras de Nietzsche. Contendo trechos de obras que foram editadas em sua íntegra por outros autores antes da morte do poeta (de quando datariam suas traduções de excertos de *O viajor e sua sombra* e de *Ecce homo?*), bem como daquelas que surgiram nos anos subsequentes (nela encontram-se seções de *Aurora*, de *Para além do bem e do mal*, do *Crepúsculo dos ídolos* e da “Vontade de poder”)⁵⁵, a *Nietzschiana* também trazia uma seleção de textos de obras que somente ganhariam tradução integral nas décadas seguintes (como *Humano, demasiado humano*, *A gaia ciência*, *Genealogia da moral*, *Anticristo*, dentre outras). Cabe lembrar, ademais, que uma nova antologia brasileira da obra de Nietzsche somente surgiria quase três décadas depois, quando então teríamos uma edição elaborada por dois estudiosos em filosofia, ou seja, aquela com textos selecionados por Gerard Lebrun, os quais foram traduzidos por Rubens Rodrigues Torres Filho⁵⁶.

Primeiro tradutor brasileiro do conjunto dos escritos de Nietzsche, a obra póstuma de Alberto Ramos ainda não foi devidamente avaliada no que diz respeito ao conteúdo dos trechos selecionados e à sua tradução. Razão suficiente para que em breve demos a público, mais de setenta anos depois, uma edição comemorativa da *Nietzschiana*.⁵⁷

Referências

- ANDRADE, A. *A verdade contra Freud*. Rio de Janeiro: Schmidt Editor, 1933.
- ANÔNIMO. “Faculdade de Direito de São Paulo”, *Correio Paulistano*, SP, 5/7/1890, p. 3.
- _____. “Faculdade de Direito de São Paulo”, *O Brasil*, RJ, 5/6/1891, p. 2.
- _____. “Aphorismos de Frederico Nietzsche”, *Jornal do Commercio*, RJ, 26/2/1892, p. 2.

publicada, procura-se apresentar a obra traduzida o mais fielmente possível do original” (“Últimos lançamentos”, *Correio Paulistano*, 16/9/1951, p. 6).

⁵⁵ Note-se que antes de falecer em 1942 Alberto Ramos traduziu “Wille zur Macht” por “vontade de poder”, enquanto Mário Ferreira, em sua tradução publicada em 1945, optará por “Vontade de potência”.

⁵⁶ NIETZSCHE, F. *Obras incompletas*. Seleção de textos de Gérard Lebrun; tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

⁵⁷ Tal como anunciamos em algumas das notas de rodapé do presente ensaio, está em preparação uma versão comemorativa da *Nietzschiana*, revisada a partir da edição crítica de Colli e Montinari.

- _____. “Almoço a Antonio Torres”, *Gazeta de Notícias*, RJ, 8/11/1920, p. 2.
- _____. “Jantares”, *O Paiz*, RJ, 24/3/1923, p. 5.
- _____. “Assim falava Zaratustra. O livro de Frederico Nietzsche numa tradução portuguesa”, *A Gazeta*, SP, 12/4/1932, p. 7.
- _____. “Uma antologia nietzschiana”, *Vamos Ler!*, RJ, 8/8/1940, p. 16.
- _____. “Alberto Ramos. Os seus livros”, *A Noite*, RJ, 15/2/1941, p. 2.
- _____. “Falecimentos”, *Jornal do Brasil*, RJ, 16/2/1941, p. 9.
- _____. “Dr. Alberto Ramos”, *Beira-Mar*, RJ, 22/2/1941, p. 14.
- _____. “Academia Brasileira”, *Jornal do Commercio*, RJ, 15/4/1941, p. 3.
- _____. “Mês de Março de 1943”, *Leitura: Crítica e informação bibliográfica*, RJ, Abril de 1943, p. 44.
- _____. “Movimento literário”, *Cultura Política*, RJ, n. 35, Dezembro de 1943.
- _____. “O que se anuncia”, *Gazeta de Notícias*, RJ, Suplemento, 14/5/1944, p. 3.
- _____. “Frederico Nietzsche: Ecce Homo, 2a edição”, *O Jornal*, RJ, 15/10/1944, p. 6.
- _____. “Próximas edições”, *Leitura: crítica e informação bibliográfica*, RJ, Novembro de 1945, p. 74.
- _____. “Autores”, *Sombra*, n. 50, RJ, Janeiro de 1946, p. 81.
- _____. “Movimento Literário”, *Carioca*, n. 539, 2/2/1946, p. 9.
- _____. “Livros novos”, *Correio Paulistano*, 17/3/1946, p. 16.
- _____. “Notícias”, *Correio Paulistano*, SP, 19/5/1946, p. 6.
- _____. “Bibliografia da semana”, *O Jornal*, RJ, 4/5/1947, p. 3.
- _____. “Aurora, de Nietzsche”, *Diário da Noite*, RJ, 6/8/1947, p. 2.
- _____. “Livros Novos”, *O Cruzeiro*, RJ, 13/11/1948, p. 40.
- _____. “Livros novos”, *O Cruzeiro*, RJ, 14/1/1950, p. 33.
- _____. “Nietzschiana”, *Correio da Manhã*, RJ, 4a Seção, 15/1/1950, p. 12.
- _____. “Jornal Literário”, *O Jornal*, RJ, Revista, 15/1/1950, p. 2.
- _____. “Nietzschiana”, *A Sombra*, RJ, Fevereiro de 1950, p. 87.
- _____. “Crônica de livros”, *A Cigarra*, RJ, n. 191, Fevereiro de 1950, p. 95.
- _____. “Nietzschiana”, *Revista da Semana*, RJ, n. 11, 18/3/1950, p. 48.
- _____. “Nietzschiana”, *Diário de Natal*, 30/6/1950, p. 4.
- _____. “Últimos lançamentos”, *Correio Paulistano*, 16/9/1951, p. 6.
- ARARIPE JÚNIOR, T. de A. “Ulisses e Dionísio. Comentário e questionamento sobre a obra de Nietzsche ‘Origens da tragédia’”, *Almanaque Garnier*, RJ, 1904, p. 193-194.

- ERASMO, J. “O neo-cinismo”, *Gazeta de Notícias*, RJ, 20/5/1893, capa.
- FREITAS, L. de. “Um Philosopho”, *O País*, RJ, 16/10/1899, capa.
- GRIECO, A. “Pagão ou Christão?”, *O Jornal*, RJ, Segunda Seção, 25/11/1934, p. 3.
- _____. “Amigos”, *O Jornal*, RJ, 5/1/1945, p. 4.
- _____. “Amigos”, *Diário de Pernambuco*, PE, 7/1/1945, p. 2.
- MANN, H. *O pensamento vivo de Nietzsche*. Tradução revista por Sérgio Milliet. São Paulo: Livraria Martins, 1940.
- _____. *Nietzsche*. Tradução de Maria Aparecida Barbosa e Werner Heidermann. São Paulo: Três Estrelas, 2017.
- MELLO, M. “Cartas de um solitário”, *A imprensa*, RJ, 26/2/1901, p. 2.
- MICELI, S. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- MOURÃO, A. “Os poemas de Alberto Ramos”, *Correio Paulistano*, SP, 3/2/1935, p. 2.
- NIETZSCHE, F. *Assim falava Zaratustra [livro para toda a gente e para ninguém]*. Tradução de Araújo Pereira. São Paulo: Editorial Moderna Paulistana, 1932.
- _____. *Ecce Homo: como cheguei a ser o que sou*. Tradução de Lourival de Queiroz Henkel. Prefácio de Affonso Bertagnoli. São Paulo: Edições e publicações Brasil, 1936 (Bibliotheca de autores célebres, n. 5).
- _____. *O viandante e a sua sombra*. Tradução de Heraldo Barbuy. São Paulo: Edições e Publicações Brasil, 1939 (Bibliotheca de autores célebres, n. 14).
- _____. *O crepúsculo dos ídolos*. Tradução de Persiano da Fonseca. Rio de Janeiro: Casa Editora Vecchi LTDA, 1943 (Col. Os grandes pensadores, v. 5).
- _____. *Vontade de potência*. Tradução, prólogo e notas de Mário D. Ferreira dos Santos. 1ª Ed. Rio de Janeiro/Porto Alegre/São Paulo: Livraria do Globo, 1945 (Biblioteca dos Séculos).
- _____. *Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais*. Tradução de Mário D. Ferreira dos Santos. São Paulo: Editora e Distribuidora Sagitário / Gráfica e Editora Edigraf, 1947 (Coleção “Climax” I).
- _____. *Além do bem e do mal (Prelúdio de uma filosofia do futuro)*. Tradução de Mário D. Ferreira dos Santos. São Paulo: Editora e Distribuidora Sagitário / Gráfica e Editora Edigraf, 1948 (Coleção “Climax” II).
- _____. *Nietzschiana. Trechos escolhidos na obra do autor de Zaratustra por Alberto Ramos*. Prefácio de Agrippino Grieco. São Paulo: Livraria José Olympio Editora, 1949 (Coleção Rubáiyát).
- _____. *A origem da tragédia, proveniente do espírito da música*. Prefácio e tradução direta por Erwin Theodor Rosenthal. São Paulo: Editora Cupolo Ltda, 1951.

- _____. *Obras incompletas*. Seleção de textos de Gérard Lebrun; tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1974.
- P. F. “Livros e autores”, *Gazeta de Notícias*, RJ, 27/2/1941, p. 12.
- RAMOS, A. *Poemas do mar do Norte de H. Heine*. 1a edição, Rio de Janeiro, 1894; 2a edição, Cadiz, 1895. (Sob o pseudônimo de Marcos de Castro).
- _____. *Versos proibidos*. Rio de Janeiro, 1898. (Sob o pseudônimo de Marcos de Castro).
- _____. *Ode ao Campeonato – Poema*. Rio de Janeiro: Tip. “Jornal do Commercio”, 1902.
- _____. *Ode à Santos Dumont*. Rio de Janeiro: Laemmert & Cia., 1903.
- _____. *Odes e outros poemas*. Rio de Janeiro: Typographia Italiana de Donato Battelli, 1909.
- _____. *O último canto do fauno*. Rio de Janeiro: Off. Typ. do “Jornal do Commercio”, 1913.
- _____. *Elegias e Epigramas*. Rio de Janeiro: Jacintho Ribeiro dos Santos Editor, 1919.
- _____. *Le chant de bienvenue pour le roi*. Rio de Janeiro, 1922.
- _____. *Canto do Centenário*. Rio de Janeiro: Soria & Boffoni Editores, 1922.
- _____. *O Livro dos Epigramas*. Rio de Janeiro: Edições PAN, 1924.
- _____. *Poemas*. Rio de Janeiro: Ariel / Oficinas Graphics d’A Noite, 1934.
- _____. *Prosas de Ariel*. Rio de Janeiro: Ariel / Oficinas Graphics d’A Noite, 1936.
- REGO, P. C. “Nietzsche não confirmou Nietzsche”, *Diário de Pernambuco*, PE, 4/1/1950, p. 4.
- REGO, J. L. “Nietzschiana”, *Jornal de Notícias*, São Paulo, 26/3/1950, capa.
- RESENDE, J. S. de. “Lettres Brésiliennes”, *Mercure de France*, Paris, n. 761, 41e année, tome CCXVIII, 1er Mars 1930, p. 487-490.
- RIBEIRO, J. “F. Nietzsche”, *Jornal do Commercio*, RJ, 18/6/1897, capa.
- _____. “Frederico Nietzsche”, *Almanaque Garnier*, RJ, 1904, p. 247-250.
- RIO, J. do. “O momento literário: João Ribeiro”, *Gazeta de Notícias*, RJ, 19/3/1905, capa.
- _____. “O momento literário: Silvio Romero”, *Gazeta de Notícias*, RJ, 13/4/1905, p. 3.
- _____. “O momento literário: Alberto Ramos”, *Gazeta de Notícias*, RJ, 24/4/1905, capa.
- RUBIRA, L. “Nietzsche no Brasil (1933-1943): Da ascensão do nacional-socialismo ao Grande Reich Alemão”, *Cadernos Nietzsche*, v. 37, 2016, p. 18-64.

- _____. “Mário Ferreira dos Santos, um filósofo pelotense?”, *Diário Popular*, RS, 24/7/2020, p. 6.
- TAVEIRA JUNIOR, B. *Poesias Alemãs*. Porto Alegre: Typ. do Deutsche Zeitung, 1875.
- VERÍSSIMO, J. “A Philosophia de um poeta”, *Jornal do Commercio*, RJ, 23/10/1899, capa.
- _____. “Um Nietzsche diferente”, *Correio da Manhã*, RJ, 19/1/1903, capa.
- VICTOR, N. “F. Nietzsche”, *O Paiz*, RJ, 26/12/1900, p. 2.
- VIVOLO, V. da M. *Gastão Cruls e a auscultação da sociedade brasileira*. Mestrado em História. São Paulo: PUC-SP, 2017.
- WASHINGTON, L. “Nietzsche”, *Vamos Ler!*, RJ, 11/4/1946, p. 43 e 62-63.

Email: luisrubira.filosofia@gmail.com

Recebido: 09/2021
Aprovado: 05/2022